

O "PROMETEU" DE KAFKA: UMA PARÁBOLA DA INSUFICIÊNCIA

Frederico Santiago Silva¹

RESUMO: Franz Kafka pode ser considerado um autor dos mais herméticos. Suas histórias curtas, inclusive as que integram narrativas maiores, encerram problemas universais e se constituem em verdadeiras parábolas modernas. Por seu próprio caráter fechado, demandam sempre uma leitura cuidadosa a fim de se reconstruir o sentido oculto. Optamos por analisar aqui um texto que julgamos ser dos mais inquietantes, com o intuito de sondar esse aspecto do texto kafkiano, oferecendo uma via de leitura, que, de maneira alguma, pretende-se definitiva, mas que pretende encontrar respaldo no seio do próprio texto e nos estudos acerca do tão conhecido autor da *Metamorfose*.

Palavras-chave: Franz Kafka; parábola moderna; hermetismo.

Kafka's "Prometheus": a parable of insufficiency

ABSTRACT: Franz Kafka can be considered one of the most hermetic authors. His short stories, including those that integrate larger narratives, contain universal problems and constitute true modern parables. By its closed character, it always requires a careful reading to reconstruct the hidden meaning. We chose to analyze a text that we think is the most disturbing, in order to probe this aspect of Kafka's texts, offering a way of reading, which, in any way intended to be definitive, but which wants to find support within the text itself and in studies on the well-known author of *Metamorphosis*.

Keywords: Franz Kafka; modern parable; hermeticism.

INTRODUÇÃO

Prometeu

Sobre Prometeu se contam quatro lendas:

De acordo com a primeira, ele foi acorrentado ao Cáucaso por ter revelado os segredos dos deuses aos homens, e os deuses enviaram águias para se alimentarem do seu fígado sempre regenerado.

De acordo com a segunda, Prometeu, aguilhoado pela dor ante os dilacerantes bicos, afundou-se cada vez mais na rocha, até tornar-se um com ela.

De acordo com a terceira, sua traição foi esquecida ao longo de milhares de anos, os deuses esqueceram, as águias, ele mesmo esquecera.

De acordo com a quarta, todos se cansaram do caso sem sentido. Os deuses se cansaram, as águias se cansaram, a ferida cansada se fechou.

Permanece a inexplicável cadeia de rocha. ó A lenda tenta explicar o inexplicável. Como ela vem de um substrato de verdade, deve de novo terminar no inexplicável.²

¹ Mestre na área de Literatura e Vida Social pelo PPG da UNESP-Assis. SP, Brasil.
friedrichsantiago@yahoo.com.br

Prometeu é uma das figuras mais intrigantes da mitologia clássica. De natureza divina, rouba o fogo, privilégio seu e de seus pares imortais, e o entrega ao homem, cuja existência é limitada. Kafka nos apresenta quatro versões para o mito de Prometeu; em cada uma delas, surge um destino diferente para o titã. Assim, percebemos que o mito é repetidamente reconfigurado. Na primeira versão que o autor tcheco nos dá, há uma renovação perpétua do castigo; na segunda, o titã e a rocha tornam-se uma só coisa; já a terceira e a quarta versões encerram o esquecimento e o cansaço de todos em relação ao roubo e ao castigo.

Considerando que se trata de uma parábola moderna, como é o caso de outras histórias curtas de Kafka, devemos então perceber os elementos que permitam assim classificar o seu *Prometeu*. Das características reconhecidas por vários autores como sendo próprias da narrativa da parábola moderna, não encontramos aqui a *överdadeö*, por assim dizer, que o texto veicula ó ao menos, não sem algum esforço. Outros elementos característicos desse gênero narrativo são facilmente percebidos, como a brevidade e a alegoria. Porém, não fica evidente ó o que, aliás, é uma característica dos textos de Kafka ó a que se faz referência. Eis aí, dessa forma, outro elemento componente da parábola moderna, principalmente no caso dos escritos de Kafka: o hermetismo.

Cabe aqui perguntar por que Kafka apresenta quatro versões do mito grego e, além disso, por que em nenhuma delas Prometeu é libertado por Héracles, nem a águia que lhe bicava o fígado foi morta pelo centauro. Para essas questões, nenhuma resposta parece melhor do que: não aparecem pelo simples fato de não interessarem à história. Isso pode parecer óbvio, mas não é irrelevante. Fazem parte da ação apenas o titã, os deuses que traíra e as águias. Mesmo a humanidade, beneficiada pelo roubo do fogo dos deuses, figura apenas de forma passiva. O castigo de Prometeu é abordado de quatro maneiras, este sim é o que interessa. Além disso, diga-se que, apesar do que acabamos de afirmar, o interesse recai, obviamente, sobre a esfera humana, e não poderia ser de outra forma, conforme pretendemos demonstrar adiante.

Prometeu é caracterizado na mitologia como aquele que vê adiante, é através de uma artimanha que ele rouba a preciosa chama divina proibida aos homens. Na *Teogonia* (HESÍODO, 2009), ele nos é apresentado, diversas vezes, como ardiloso ou de *öcurvo*

² Tradução feita a partir do original alemão, em cotejamento com a tradução para o inglês de Willa e Edwin Muir.

pensarö, em oposição a seu irmão, Epimeteu. No mito, por causa da fraude de Prometeu, Zeus envia a seu irmão um presente: Pandora, a primeira mulher. Esta traz consigo uma caixa, a qual não deveria ser aberta, contendo todos os presentes oferecidos pelos deuses. A história é conhecida: Pandora, levada pela índole que nela incutiram os deuses, abre a caixa e, assim, espalha os males pelo mundo, restando apenas, no fundo, a ambígua esperança.

É pertinente, a partir daqui, ressaltar alguns paralelos entre a cultura grega e a judaica, a fim de que se possa pensar o mito reconfigurado, da maneira como Kafka no-lo apresenta.

CONTRAPONOTOS

O fogo prometeico é o ponto de partida para as artes humanas. A chama divina, ao chegar ao homem, torna-o também superior em relação aos outros seres que habitam o mundo. O homem, ainda que não lhe seja dado atingir uma existência de caráter divino, agora é superior aos outros animais, pois possui a ciência. Em outras palavras, o fogo entregue ao homem é a chama do conhecimento e, por consequência, da consciência de si próprio e da própria finitude. Assim, pode-se dizer que Prometeu é o pai da ciência humana, que, destarte, possui uma ascendência divina.

Podemos encontrar um paralelo interessante no *Genesis* bíblico. A serpente incita a mulher a comer o fruto proibido, e esta, a seu companheiro. Assim, comendo do fruto da árvore da sabedoria, ambos percebem que estão nus, ou seja, tomam também consciência de si mesmos. Em ambos os casos, percebemos que há um intermediário não humano que promove a consciência humana. No primeiro, um deus rouba o fogo divino e o traz aos homens; no segundo, um demônio incita a mulher a desobedecer a uma regra ditada por Deus. A intenção do primeiro era favorecer a humanidade; a do segundo, perdê-la.

Outros aspectos são ainda relevantes em relação às duas histórias. A serpente, assim como acontece no mito grego, faz com que a raça humana tenha acesso ao saber. No entanto, ao contrário do que acontece com Prometeu, ela não é castigada³. Toda a raça humana, representada por Adão e Eva, é expulsa do paraíso e, assim, deve perecer num mundo

³ É importante ressaltar que a figura do demônio na cultura hebraica desenvolveu-se gradualmente, como representação do opositor de Deus. Assim, num primeiro momento, não é ainda a figura plenamente configurada do Diabo. Nessa narrativa primitiva, a serpente induz ao erro, portanto o castigo recai sobre aqueles que cometeram o erro de fato. Para maiores esclarecimentos, leia-se RUSSEL, Jeffrey Burton. *As personificações hebraicas do malö*. In: *O Diabo. As Percepções do Mal da Antiguidade ao Cristianismo Primitivo*. Rio de Janeiro: Campus, 1991, pp. 173-223.

imperfeito. Pandora é responsável pelos males espalhados pelo mundo, Eva ouve a serpente e ocasiona a própria perdição e a de seu companheiro. No caso da história bíblica, Adão, ao aceitar também comer do fruto que lhes fora proibido, age como Epimeteu ao aceitar o presente dos deuses.

Através dessa breve exposição, é possível observar que os dois universos se tocam. Kafka, formado moralmente dentro dos preceitos do judaísmo, mas conhecedor da cultura clássica, talvez tenha escolhido a figura de Prometeu porque nela se encerra a ideia de que, apesar de todo engenho, toda potencialidade de nossa espécie, somos uma raça condenada.

Segundo Gila Safran Naveh, a parábola kafkiana não tem a intenção de convencer, nem dissuadir, seu objetivo é fazer pensar e agir:

[í] his parables obstinately maintain open the chasm between their two irreconcilable narrational planes, the plane of reality and that of illusion, and ask of the reader not to commit himself to any fixed model of them, or of the world, but to construct his, or her, own version of them. (NAVEH, 2000, p. 142)

Aceitando essa afirmação, somos obrigados a tentar reconhecer tal característica no texto e, ainda, buscar os elementos que possibilitem o efeito desejado. Kafka, ao apresentar mais de uma versão para o mito, relativiza-o e, com isso, provoca o leitor a buscar o sentido, ou melhor, construir o sentido. Não é outro o movimento em relação à própria existência. Estamos num constante processo de significação e de ressignificação das coisas a nossa volta e, dessa maneira, também de nós mesmos.

Dessa forma, do ponto de vista da construção, temos quatro versões da lenda, estruturadas em quatro parágrafos coordenados. Isso nos sugere que não há uma relação sequencial ou de dependência entre eles, o que nos poderia fazer inferir que se trata de uma gradação que desembocaria no último parágrafo, que encerra em si o paradoxo característico das parábolas de Kafka (POLITZER *apud* CROSSAN, 1975, p. 249).

Há, evidentemente, uma relação entre as quatro versões e o último parágrafo. Portanto, ainda que em equivalência, por assim dizer, a ordem em que nos são apresentadas é importante para que não se entenda como uma possível sequência, como uma espécie de evolução do mito, coisa que levaria conseqüentemente a um parágrafo final que contivesse uma conclusão, e isso vai de encontro ao fio que nos guia, no sentido de compreender o texto em questão tal como propomos aqui.

Analisando separadamente as quatro versões do mito, pode-se dizer que a primeira apresenta a mais conhecida, que aparece na *Teogonia* (HESÍODO, 2009), em *Os trabalhos e os dias* (HESÍODO, 2008) ou No *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo (1982, pp. 7-49). Não há, porém, na versão de Kafka, a presença de Hércules, que liberta Prometeu de seu castigo, nem a do centauro que mata a águia, a qual, nessa versão, aparece pluralizada. Além disso, com a ausência do herói para libertá-lo de sua punição, tem-se o caráter de uma ação ininterrupta, que é reforçada pelo uso do advérbio *õsemprö* (*immer*). Assim, o que nos é primeiramente apresentado é um Prometeu cuja pena nunca é expiada.

Da mesma forma que encontramos no *Gênesis* bíblico o eterno castigo ao qual o homem é condenado, na versão que Kafka nos apresenta, vemos aquele que favorece os homens igualmente condenado. Na literatura clássica, a humanidade também é condenada, mas de uma forma menos severa, já que ainda conserva o fogo que um dia lhe fora proibido, sendo-lhes ainda possível apaziguar a fúria dos deuses por meio de sacrifícios. A título de comparação, pensemos na condenação imposta à humanidade tal qual lemos na *Bíblia* e nos textos clássicos a que nos referimos anteriormente. Apesar de, em ambos os casos, o homem, a partir da condenação, ver-se exposto a todos os males do mundo ó ou pela expulsão do paraíso, decorrente de sua desobediência, ou por meio do artil enviado pelos deuses a Epimeteu que, apesar de advertido por seu irmão, recebe Pandora como um presente⁴ ó percebemos diferentes movimentos em direção ao que podemos chamar õhumanizaçãoö.

No referente grego, o homem sai de uma situação de total obscuridade rumo à tomada da consciência de si e do mundo. Assim, ele sai de sua condição animalesca, digamos, e se torna humano. A partir da chama divina, ao homem é possível desenvolver técnicas, proteger-se dos outros animais, inclusive alimentar-se de maneira diferente deles, pois o fogo permite que agora ele possa cozinhar seus alimentos. Portanto, a partir do momento em que adquire a consciência, o homem avança a uma condição superior àquela em que se encontrava antes, apesar de que isso não se tenha dado gratuitamente.

Já na história bíblica, Adão e Eva são expulsos do Éden. Ambos viviam em harmonia com o mundo que os rodeava, harmonia que é quebrada pela desobediência que os leva à expulsão. O estado em que a vida se apresentava ao homem no momento anterior ao surgimento do pecado pode ser comparado à Idade do Ouro dos gregos, contudo a degradação

⁴ Em oposição a seu irmão, Epimeteu guarda no nome a característica negativa de não perceber as coisas antes que elas aconteçam. Já no nome õPrometeuö, temos o significado de õaquele que *prevê* os acontecimentosö. Daí, sua natureza artilosa, que, no entanto, não impediu que os deuses dele se vingassem.

presente na história de Adão e Eva se dá de maneira diferente no mito. Dessa forma, ao serem excluídos desse modelo de mundo perfeito, os primeiros de nossa espécie decaem, bem como aquele que os induzira ao erro caíra um dia. Percebe-se claramente, pois, que o movimento é inverso. Do ponto de vista bíblico, não houve benefícios ao homem, este simplesmente sai de um estado de perfeição para tornar-se agora imperfeito, desprotegido, degradado. Enquanto observamos um movimento ascendente de um lado, percebemos um descendente de outro.

Na segunda versão apresentada, o titã se afunda na rocha e, a ponto de não ser possível separar um de outro, tornam-se uma só coisa. Aqui, o caráter eterno do castigo, apresentado na primeira versão, fica diluído. Não se tem, nesse parágrafo, referência temporal, qualquer que seja, mas a ideia de uma dor aguda a ponto de metamorfosear o titã em rocha, fossilizando-o, digamos assim, guarda ainda um caráter mais tenso que a primeira, já que alude à intensidade da dor que seu algoz lhe imprime.

A terceira, por sua vez, apresenta uma referência temporal; ainda que esta esteja expressa de uma maneira imprecisa, por meio da hipérbole temos a ideia de uma longa duração, o que acentua mais uma vez o caráter eterno presente na primeira versão apresentada. Não obstante, todos se esquecem do caso, inclusive o próprio condenado. Não nos é dito o que acontece com Prometeu, somente que ele próprio se esquecera de seu crime. Em contraste com a versão imediatamente anterior, não há a ideia da dor aguda. Na mitologia grega, o esquecimento é representado pelo rio Letes, que cruza o Hades. Com isso, ficamos tentados a ver, ali, uma referência à morte ou, no mínimo, a um tipo de não-existência, mas tal ideia não se sustenta, conforme veremos adiante.

Na quarta versão da história, todos se cansam, a ferida se fecha cansada. Aqui, o mais intrigante acontece. Não obstante toda agitação causada pelo roubo da chama divina, os deuses deixam de se importar com o caso. É como se não mais houvesse ofensa, mas nada aqui nos indica que Prometeu teria sido perdoado. Eles simplesmente se cansam. Insistindo na comparação proposta, na cultura hebraica, a falta cometida não é esquecida, mas o homem, o verdadeiro condenado, ainda pode alcançar o perdão através de sua conduta. O mesmo não se dá com o homem grego, tampouco com o titã. Ainda que se possa dizer que, por meio de sacrifícios, ele poderia ganhar o favorecimento dos deuses, estes não perdoam a falta de seu protetor.

Por outro lado, os filhos de Adão e Eva podem voltar a viver o que seria o equivalente à Idade do Ouro. Mas isso não se dá neste mundo, e é deste mundo que o texto trata. Como se

sabe, no mundo clássico dos gregos, o reino dos mortos era mais uma continuidade do mundo dos vivos, a conduta em vida também determinava o que aconteceria após a morte, mas, com exceção de alguns heróis, de ascendência divina, todos deveriam ir ao reino de Hades. Isso dito, somos então levados a compreender que o que interessa no texto de Kafka é a existência terrena.

Com a consciência de si e, conseqüentemente, de sua própria finitude, o humano se encontra numa situação de desamparo, sua pena nunca é remida (não neste mundo), a liberdade representada pela possibilidade de criar artes sem conta e esbarra no aprisionamento daquele que tornou isso possível. A autoconsciência, ao mesmo tempo em que nos torna livres, condena-nos. As correntes que aprisionam Prometeu e que, na versão de Kafka, não são rompidas são as mesmas que prendem o homem à sua própria existência e o condenam em suas próprias limitações. Logo, expulsos do paraíso ou expostos aos males da caixa de Pandora, estamos presos a uma existência da qual ainda nada sabemos, apesar do fogo, apesar do fruto.

A última parte do texto concentra o que dissemos até aqui. O que permanece é o inexplicável. Não há mais os deuses, nem as águias, tampouco o próprio condenado. Resta apenas a rocha, impenetrável. Vemos aqui o paradoxo característico de que falamos acima. A história vem de um fundo de verdade e deve (*muss*) terminar no inexplicável. Tal afirmação é, no mínimo, inquietante. Como seres autoconscientes, ao mesmo tempo em que sabemos de nós, de nós nada sabemos. Bem como a rocha, a consciência é um mistério, o qual tentamos desvendar desde que a possuímos, mas que, não obstante, permanece impenetrável como a rocha à qual o deus favorecedor dos homens foi atado.

As parábolas de Kafka são representativas de um mundo em crise. Diferentemente da parábola tradicional, cujos exemplos mais bem acabados e conhecidos encontram-se na Bíblia, a parábola moderna não mais veicula uma lição moral. O discurso perde, então, seu caráter fechado, exigindo do leitor uma interpretação, tornando-se, destarte, aberta: a pressão de uma época de descrença obriga a que a parábola, já não didatizante, mas interrogante, seja igualmente uma parábola aberta (BRETTSCHNEIDER, 1973, s.p.). Então, o texto parabólico tipicamente kafkiano, além de estar em consonância com as características reconhecidas no discurso da parábola moderna, destaca-se por seu hermetismo refinado, voltado para dentro, por assim dizer, conforme, ainda, Betttschneider:

Também ela (a parábola aberta) pretende actuar, esclarecer, despertar, conduzir a um novo pensamento. Também ela deseja formar a sociedade. E isto é válido tanto para Dürrenmatt e Schnurre como para Musil, Höllerer, Johnson e Meckel, ao passo que as parábolas de Kafka constituem, antes de mais, parcelas de um solilóquio virado para o interior, fragmentos não de uma proclamação, mas duma confissão. (BRETTSCHEIDER, 1973, s.p.)

O carácter confessional acentua-se pela aproximação que até aqui fizemos entre as culturas hebraica e grega. Talvez, o dilaceramento do órgão que se reconstitui para sofrer novamente as dores do castigo imposto seja a alegoria do sofrimento experimentado pelo próprio Kafka, dividido entre duas culturas, a ocidental e a oriental, em termos mais genéricos. Não buscamos uma alegoria que possa ser comprovada a respeito do indivíduo Franz Kafka, mas que seja representativa também do próprio dilaceramento do homem em meio a um tempo em que as respostas não são mais definitivas, tampouco seguras, e em que não se pode mais falar em uma única verdade. Esta é, em si, inexplicável, a coisas simplesmente *são*, a rocha existe independente de qualquer explicação que se queira dar a seu respeito.

Acrescente-se, ainda, que aquilo que se nos apresenta são versões de uma lenda, não da verdade. Nesse sentido não se poderia mesmo admitir a existência de versões da verdade, já que isso desintegraria o carácter absoluto do que é verdadeiro. Quando se admite mais de uma versão para uma mesma coisa, a verdade é relativizada e, com isso, conseqüentemente não se pode mais falar em tal, ao menos não como absoluta. Com isso, ele nos fala de uma espécie de ignorante saber; apesar da consciência adquirida, os meandros daquilo que nos confere humanidade ainda nos são obscuros. Acrescentemos, além disso, o que nos diz Politzer a respeito da ignorância do homem: *„Kafkas parables are not the fruit of wisdom but the profession of this ignorance“* (POLITZER, 1966, p. 86).

Sendo assim, a crise mesma poderia se dar na seguinte fórmula: o homem é consciente de sua finitude e, ao lado disso, é também consciente da sua própria ignorância diante dos fenômenos da vida, o que o leva a perder-se em meio ao turbilhão da vida e por ela ser devorado. A esfinge ainda vive e atormenta com sua eterna ameaça aos homens, a quintessência de pó, como bem definiu certa feita o ilustre dramaturgo inglês.

Kafka teria escrito seu *Prometeu* nos idos de 1917, portanto já sob a sombra aterradora da I Guerra Mundial. Some-se a isso o fato de ter ele também confirmado a suspeita de que teria tuberculose. Esse período foi, ainda segundo Politzer, durante o qual ele teria consolidado sua forma particular de escrita, além do que, nela

He discovered a second reality behind the reality experienced. With a still trembling and yet often highly skillful hand, He created symbols which through their paradoxical form expressed the inexpressible without betraying it. (POLITZER, 1966, p. 84)

Dessa forma, podemos dizer que o texto do qual nos ocupamos é sintomático desse momento da vida de Kafka, mas não meramente particularizante, ainda que se possa dizer que sua literatura tem caráter intimista. Na verdade, com isso, ele logra ser universal, já que seus textos estão impregnados das questões primordiais de nossa espécie condenada.

Como sentimento de uma religiosidade marcada pela incerteza, *Prometeu* guarda, a partir da aproximação aqui proposta, uma possibilidade de interpretação por meio da qual a crise religiosa do mundo ocidental fica patente. O dilaceramento de que falamos anteriormente é expresso, assim, por meio da parábola, que se torna, portanto, alegoria da incerteza em face do mundo também dilacerado não só por causa dos conflitos bélicos, mas também pelo conflito existencial humano.

Agora, a rocha inexplicável se converte na alegoria da impenetrável natureza das coisas, da indecifrável natureza humana, consubstanciada na consciência da própria impotência do homem. Esse ser fadado à incerteza de sua própria sorte é rasgado como o fígado do titã e, como ele, se renova em suas dores, continuando a buscar o sentido inexistente de seus próprios desígnios. É perpétuo, na medida em que a espécie se renova em novos indivíduos, que partilham também do mesmo pesar; é aguilhoado pela dor que nos oprime e nos torna também um com ela, a natureza humana permanece inexplicável como a rocha; esquece-se da própria origem, divina ou animalesca, e por fim, depara-se com sua própria insignificância frente à existência em si. Pode-se mesmo dizer que somos tanto divinos quanto demoníacos. Divinos porque em nós brilha a chama dos deuses; demoníacos porque o conselho que nos degradara ainda ecoa em nossos ouvidos. A natureza ambígua do homem está expressa pelo paradoxo da rocha, que é também o paradoxo da própria existência à qual estamos presos.

Em relação ao substrato de verdade da qual vem a lenda, conforme Kafka nos apresenta, somos tentados a compreender, tal qual o ideal platônico, que esta é simplesmente intangível, apesar de perceptível. Só nos é dado apreendê-la por meio do discurso que dela se possa fazer, porém jamais nos será possível sabê-la de fato, tampouco explicá-la. O paradoxo

encerrado na última parte da parábola nada mais poderia ser senão o da própria vida, por assim dizer.

Assim, mesmo que não levemos em consideração o que se disse aqui a respeito dos aspectos da vida pessoal de Kafka ó os quais, aliás, são já bem conhecidos e renderam certamente vários trabalhos no sentido de aproximar a vida e a literatura produzida pelo autor tcheco ó podemos muito bem sentir uma empatia pelo texto e pela interpretação que ele sugere. Não se pretende, aqui, obviamente, oferecer uma visão definitiva e fechada do *Prometeu* kafkiano, até mesmo porque isso seria ir de encontro à característica textual à qual nos referimos algumas páginas atrás. Nosso intento, por outro lado, é apresentar uma possibilidade de leitura, guiados pelo fio da relatividade, se o termo nos é permitido.

Por relativo, entenda-se tudo aquilo que dissemos a respeito das incertezas, da incongruência mesma da existência em si inexplicável. A perplexidade que a princípio semelhante texto pode causar no leitor é emblemática do espanto de nossa própria consciência, a de que somos pequenos e limitados. Essa consciência, ao mesmo tempo em que nos guia rumo ao infinito, nos arremessa contra a rocha impenetrável e inexplicável do que somos nós. Em outras palavras, *Prometeu* tange a corda de maior tensão do espírito humano, desde que o primeiro de nós ousou olhar para as estrelas distantes no infinito e se perguntar, inquieto: *quem somos nós?*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Gênesis. In: *Bíblia*. São Paulo: Ave-Maria, 2010, pp. 49-52.

BRETTSCHNEIDER, Werner. *O renascimento da parábola na actualidade*. Revista Humboldt, 13-28/1973.

POLITZER, H. *Franz Kafka: Parables and Paradox*. Itahaca and London: Cornel University Press, 1966.

SAFRAN, G. N. *Wisdom Lost*. In: *Biblical parables and their modern re-creations: from õApples of gold in silver settingsõ to õImperial Messagesõ*. New York: New York Press, 2000.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

ÉSQUILO. Prometeu acorrentado. In: ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*/SÓFOCLES. *Édipo Rei*/EURÍPEDES. *Medéia*. São Paulo: Abril Cultural, 1982, pp.7-49.

Recebido em 13 de julho de 2013.

Aprovado em 15 de setembro de 2013.